

CRÍTICA TEATRO | QUERIDA MAMÃE

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Desencontro familiar

Arrebatando, em 1994, os prêmios Molière, Mambembe, Shell, APCA e APETESP, o texto de Maria Adelaide Amaral, com Eva Wilma e Eliane Giardini, volta aos palcos cariocas. Autora de sucessos, inspirou-se na própria relação materna para descrever seus conflitos. “Querida Mamãe” impõe-se com uma carpintaria afiada, cuja voltagem dramática é evidente, permeando sabedoria e delicadeza para revelar um hiato de gerações. Desencontro entre mãe e filha, que são atravessadas por pontos de vista distintos.

A mãe é reservada, conservadora, enquanto a filha, médica, permite-se voos libertários, elaborando novas formas de ser feliz. As personagens reencontram-se num apartamento recheado de heranças emocionais truncadas, onde os afetos, o verdadeiro amor encobrem-se, e a narrativa estabelece trocas carregadas de tensão pelo abismo que perpetuou-se entre elas. Experiente e libertando-se do ma-

niqueísmo, a escritora humaniza suas criações, pelas quais o público identifica-se.

Entretanto, a condução de Pedro Neschling é inócua. Há uma estética novelesca que prejudica o andamento do espetáculo, arrastando-se demasiadamente, como se as cenas precisassem ser editadas. Pausas são esgarçadas, marcas estáticas não valorizam a dinâmica inserida na emocionalidade textual. Uma marca na esquerda baixa em que a mãe tenta acarinhar sua progênia é pouco desenhada, necessitando de um plano detalhe, utilizado no audiovisual. O ponto culminante da narrativa é esfacelado, pois o ritmo teatral não é estruturado. Todavia, o diretor acerta em erguer as delicadas cortinas diáfanas, na medida que os acontecimentos manifestam-se, quando verdades eclodem, numa ambiência adequada de Beli Araújo.

Talentedas, as atrizes são fragilizadas pela orientação de expressividade cênica, ocasionando um estado amornado em diversos momentos. A corporeidade não projeta algumas intenções sugeridas



Nivea Maria e Regiane Alves em 'Querida Mamãe': Há uma estética novelesca que prejudica o andamento do espetáculo

Divulgação

pela dramaturgia, em que a direção de movimento de Toni Rodrigues também não favorece. Apesar disso, Nivea Maria – uma das grandes atrizes da televisão brasileira, com uma infinidade de papéis relevantes na teledramaturgia – dá credibilidade ao projeto, valorizando a rigidez de sua Ruth, costurando com sensibilidade as variações daquela mulher endurecida.

Ao final, aplica seus graves, instituindo a angústia da personagem, onde desvela as contradições amorosas pela filha. Já Regiane Alves, outra expoente da tv, alcança itinerários mais efusivos, com arroubos de emoção, pelos quais a encenação obtém contornos mais teatrais. Apesar de acometida por uma virose na apresentação, a atriz não sucumbe e explora com veemência os ideais que sua Helô defende.

O figurino de Antonio Rocha é correto, enroupando Ruth monocromaticamente e um look mais despojada para Helô. Fernanda Mantovani abre a cena em tons tórridos, prenunciando a atmosfera hostil, além de abusar de efeitos lumináres nas temperaturas diversas que o texto lhe propõe.

SERVIÇO**QUERIDA MAMÃE**

Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Loja 265)
Até 2/8, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Annelize Tozetto/Divulgação

**Um clássico revisitado**

“Elogio da Loucura”, obra do pensador Erasmo de Rotterdam, escrita como uma sátira à sociedade dos séculos XV e XVI, tornou-se atemporal e profundamente atual; por apresentar uma nova visão da loucura, expondo as relações de poder na sociedade, na política e na Igreja, como espelhos de si mesma. Nessa versão para o teatro, em cartaz no Teatro do CCBB, a Loucura, interpretada por Leona Cavalli, se apresenta como personagem, mantendo a ótica, o sarcasmo e a sagacidade do conteúdo original da obra.

Divulgação

**Mulheres em exaustão**

Entre bastidores caóticos, crises silenciosas, áudios intermináveis, expectativas e cafés frios, um grupo de mulheres tenta sobreviver ao próprio cansaço enquanto se prepara para entrar em cena. Com humor afiado, ironia e momentos de identificação dolorosamente reais, “Manual de Sobrevivência das Mulheres Exaustas”, em cartaz no Teatro Cândido Mendes, até o dia 28, transforma a exaustão feminina em espetáculo — revelando o peso invisível de quem aprendeu a dar conta de tudo, o tempo todo.

Paulo Aragon/Divulgação

**Vidas cruzadas**

Jonathan, atendente de fast food; Luiz Felipe, garoto de programa; e Antônio, professor universitário aposentado. Três homens gays que têm suas vidas cruzadas. Através dos desenvolvimentos de suas trajetórias e das relações que se estabelecem entre eles. Em cartaz até o dia 26 no Teatro Gluacio Gill, “Selva: Solidão”, com dramaturgia e atuação de Vinicius Teixeira, convida o público a refletir sobre os efeitos de se crescer como uma pessoa LGBTQIAPN+ num mundo heteronormativo, e sobre o constante sentimento de solidão nesta comunidade.